

Jônatas Conceição, um poeta afro-brasileiro

Jônatas Conceição, a Afro-Brazilian poet

Florentina da Silva Souza

UFBA – Brasil



Resumo: Este texto propõe-se a prestar uma homenagem ao escritor baiano Jônatas Conceição da Silva. Através de uma breve apresentação de suas atividades poéticas e intelectuais procura enfatizar as estratégias utilizadas pelo escritor e professor para divulgar aspectos da tradição afro-brasileira não somente por meio da poesia mas também através de outras atividades intelectuais nas quais seu compromisso com a divulgação da cultura e da história afro-brasileiras ficavam patentes. Como poeta, que se declarava afro-brasileiro, Jônatas Conceição deixou um série de poemas e contos nos quais sua história, sua memória e a memória dos afro brasileiros são apresentadas em linguagem simultaneamente sensível e comprometida. Ao fim desse texto, o leitor poderá conhecer um pouco da trajetória e da escrita de um poeta que fez da escrita de si uma forma de intervenção na vida literária, cultural e política brasileira.

Palavras-chave: Jônatas Conceição; Poesia; História afro-brasileira

Abstract: This text pays homage to the Bahian writer Jônatas Conceição da Silva. Utilizing a brief summary of his poetic work and intellectual activities, it seeks to demonstrate the strategies the author used in disseminating aspects of the Afro-Brazilian tradition, not only through his poetry but also through other intellectual endeavors, in which his commitment to disseminating Afro-Brazilian culture and history became evident. A poet who identified as Afro-Brazilian, Jônatas Conceição left a series of poems and stories in which his life history, his memory and Afro-Brazilian memory in a wider sense are presented in language that is both accessible and politically engaged. In this paper, the reader will learn about the life and intellectual production of a poet for whom writing was a way of intervening in literary, cultural and political life.

Keywords: Jônatas Conceição; Poetry; Afro-Brazilian culture

Quando eu morrer
corpo carcomido
não me deixem navegando
qual barco sem prumo
perdido num braço de mar qualquer.

Quando eu morrer
me enrolem em tábuas putrefatas
de uma canoa qualquer
perdida em um rio sem rumo.
que as minhas cinzas
voltem para a Mãe dos filhos peixes.

(JÔNATAS CONCEIÇÃO)

JÔNATAS CONCEIÇÃO SILVA nasceu em Salvador, Bahia, no bairro de Engenho Velho de Brotas, no dia de Nossa Senhora da Conceição, 8 de dezembro no ano de 1952. Estudou somente em escolas públicas: concluiu o curso pedagógico no então ainda renomado

colégio de formação para o magistério, ICEIA, para onde retornou posteriormente como professor. cursou Letras Vernáculas com Francês no Instituto de Letras da UFBA, em Campinas começou um Mestrado em Linguística e retornou para a UFBA em 2002 a fim de realizar estudos

de Mestrado e Doutorado em Literatura. No ano de 2004 foi aprovado em Concurso da UNEB para professor de Literaturas, tendo exercido as atividades docentes no campus de Euclides da Cunha.

Radialista, militante, poeta, membro da diretoria do bloco afro Ilê Aiyê, atuou Movimento Negro Unificado desde a sua fundação e foi um dos responsáveis pela edição do periódico *Nego*, Jornal do MNU. Pesquisador incansável das tradições culturais afrobrasileiras afirma na introdução de livro de sua autoria, *Vozes quilombolas: uma poética brasileira*, originário da sua dissertação de Mestrado:

Quando voltei a morar em Salvador, a partir de outubro de 1979, comecei a fazer a opção, a coisa certa, que as mesmas forças ocultas que me levaram para o ato do MNU¹, queriam que fizesse. Dedicar-me, completamente, para o processo de reconstrução e consolidação do Movimento Social Negro. (CONCEIÇÃO, 2004, p. 16)

Assim é que a partir dos fins década de 70, torna-se estudioso e pesquisador tanto da história do movimento negro quanto de produções criadas e/ou organizadas por artistas, intelectuais e escritores negros/as. Eram poucos os livros e jornais sobre o tema que ele não possuía ou não sabia onde encontrar e que generosamente compartilhava com quem se dedicava a investigar a temática.

Desde a década de 70, Jônatas Conceição publicava textos em jornais e revistas nos quais evidenciava o seu compromisso com a pesquisa e valorização de várias manifestações da cultura afrodescendente. Dentre os veículos de divulgação de seus textos destaco a Série Arte e Literatura publicada pelo CEAO em que consta um poema, no volume 1, de 1982, e um conto no volume 5, de 1990. Juntamente com outros poetas baianos como José Carlos Limeira e Nivalda Costa organiza, na década de 80, o Grupo de Escritores Negros de Salvador (GENS). Juntamente com Lindinalva Barbosa, editou dois volumes da Coletânea *Quilombo de palavras*, publicados pelo CEAO, respectivamente em 1998 e 200; em 2004, parte de sua dissertação de mestrado compôs o livro *Vozes quilombolas: uma poética afro-brasileira*. Participou com poemas e contos de vários números dos *Cadernos Negros*

¹ Refere-se ao ato público de fundação do MNU ocorrido em sete de julho de 1978 nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo.

² Publicação destinada a estudantes das escolas públicas do bairro da Liberdade e aos estudantes dos cursos oferecidos pelo Ilê. Posteriormente os Cadernos são produzidos como resultado dos seminários temáticos realizados com o objetivo de propiciar aos participantes, compositores e cantores do bloco informações sistemáticas sobre o tema escolhido, a cada ano, para direcionar as produções do grupo durante o carnaval, neles são publicadas algumas letras das músicas escolhidas no festival e propostas algumas atividades pedagógicas com base nos textos.

desde o n. 9. Publicou o ensaio, Reflexões sobre o ensino de português para a escola Comunitária, 2002; os livros *Outras miragens*. São Paulo Poemas, 1989 e *Miragem de engenho*. Salvador: IRDEB.

Durante anos atuou da direção da Associação Cultural Bloco Carnavalesco Ilê Aiyê, coordenou o Projeto de Extensão Pedagógica e participou do corpo editorial do Caderno de Educação do ILÊ². Nestes cadernos elaborou, em parceria com outros professores, atividades didáticas e pedagógicas sobre fatos, personagens e tradições africanas e da diáspora para que professores e estudantes pudessem obter mais informações sobre suas culturas. Preocupado com a memória e história dos movimentos negros, organizou um livro sobre os 10 anos do Movimento Negro Unificado.

Os Quilombos, sua história, representações e sentidos conferidos pelos movimentos negros, constituem um dos eixos básicos das pesquisas que conseguiu realizar meio as várias atividades que desenvolvia: visitou a Serra da Barriga em 1988 juntamente com Beatriz do Nascimento, que escreve uma apresentação ao livro *Outras miragens – texto* sugestivamente intitulado “Cumplicidade Palmarina”; visitou o Quilombo de Rio das Rãs e sua dissertação de mestrado, como sugere o título (*Vozes quilombolas: uma poética afro-brasileira*) analisa detalhadamente textos literários e letras de música que recriam e reconfiguram os quilombos como símbolos da criatividade e resistência negras. Seu contato com a temática do “quilombo” e suas representações deu-se a partir do empenho do poeta Oliveira Silveira para que os movimentos negros brasileiros celebrassem o 20 de novembro como Dia da Consciência Negra. A partir de então, com o lema “Zumbi é o senhor dos Caminhos”, título de um dos seus poemas, os quilombos passam a fazer parte constante de suas pesquisas, sua literatura, suas leituras e estudos. Os versos do poema dedicado a Zumbi propõem:

resgatar tua presença
tua firmeza de propósito
de amor e liberdade
pela raça
[...]
retomar toda história
de todos os fatos
contar todas as verdades
para todas as idades
do teu mito que
para sempre se refaz em
liberdade liberdade liberdade
(1989, p. 64)

Leitor de Drummond, Bandeira, Fernando Pessoa, amante de samba e da música de Roberto Carlos, de

futebol, seus versos refletem seu jeito de ser – simplicidade, cuidado com a palavra, emoção e uma certa contenção triste. Para ele, a poesia, além de pertencer ao campo do sensível é capaz de provocar alterações individuais e coletivas; na apresentação de seus textos nos *Cadernos Negros* n. 29 afirma: “Sinto que a poesia é responsável pela delicadeza e a mais plena humanização do planeta. Os poetas da oralidade, os que compõem para música no Brasil, são os nossos educadores maiores.” (2006, p. 143). Para ele a literatura possui o compromisso de fundir o sensível e o político. Esta compreensão provavelmente foi responsável pelo fato de em sua dissertação de Mestrado, o professor Jônatas Conceição escolher como parte do *corpus*, letras de música de compositores do bloco Ilê Aiyê, que no seu entender, constituem, junto com os textos de autores afrodescendentes, o que chama de “quilombo literário”. Isto é, uma produção voltada para representar, a partir do ponto de vista dos próprios afrodescendentes, as tradições, histórias e personagens afrodescendentes que ativamente participaram da construção da riqueza do país. Tais quilombos fazem da literatura uma orma de resistência e reversão da exaustiva representação depreciativa da cultura e das pessoas afrodescendentes.

O contato com velhos e jovens de comunidades negras favoreceu o desenvolvimento de uma atenção amorosa para com a tradição oral. Um tradição de significativa importância para as culturas negras da diáspora, vez que a oralidade foi a ferramenta principal para que as culturas negras dispersas se mantivessem vivas nos vários espaços para onde foram levados homens e mulheres negras. Segundo afirma, esta preocupação parece ter sido despertada, em 1978 quando, em São Paulo, assiste apresentações de Congadas que lhe “motiva[ram] a estudar e pesquisa, dali por diante, a cultura popular brasileira”. Através da poesia, antecipando polêmica reinstalada nestes inícios de 2011 ironiza o modo como a escola distanciada das bagagens culturais e linguísticas dos estudantes não acolhe nem ensina:

A professora tinha sangue azul
na palma e na alma.
Nós não sabíamos nada dos verbos
Mas também não obedecíamos ao seu sangue azul:
Claudio mijava na sala
Ari espiava as coxas-meninas e
Eu ouvia a professora de sangue azul explicar
'que nós faz'
Não é direto
nem perfeito
(1989, p. 47)

Durante o I encontro de poetas e ficcionistas negros brasileiros realizado em 1985, apresenta um texto inti-

tulado “A traição da tradição oral”³, no qual reportando-se a escritores africanos, mais precisamente Hampaté Ba e Ali A. Mazrui, demonstra a força da tradição oral nas culturas africanas para concluir apontando a necessidade de os escritores negros, mesmo fazendo uso da tradição escrita, não abandonarem a tradição oral:

a tarefa do escritor negro brasileiro é desafiadora. Ele convive entre a memória e os recentes códigos [...] Ao escritor cabe furar o bloqueio que impede o acesso da comunidade negra ao Saber. Ele fará isto [...] na medida em que desmistifique o culto pelo culto da tradição oral e também na medida em que seu texto aponte para soluções, dúvidas, questionamentos e direções de um Saber popular, diversificado e democrático. (1987, p. 104⁴)

Escreve muitos poema e também contos sobre temáticas variadas muitos deles publicados nos *Cadernos Negros* e em antologias nacionais e internacionais. Um tema presente em seus poemas são as cidades, vistas como espaços de convivência e de aprendizados, espaços de contatos culturais diversos Cidades da Bahia e de São Paulo aparecem em poemas que retratam memórias de experiências e de emoções. A cidade de Itapira é representada com aquela que lhe despertou para os estudos da cultura afro brasileira, cidade onde os tambores transmitiram ao poeta sensações diferentes daquelas que ele sentira ao ouvir tambores em outros espaços. No poema são evocados “o rufar dos tambores / em mãos negras, calejadas”, são lembrados “os murmúrios de tuas velhas rezadeiras” e como poeta da memória, compreendendo o caráter seletivo da mesma finaliza o poema com esses versos:

Daqui agora
restam-me o peso do teu nome
Que ficará para sempre guardado
Em sílabas-pedras cravejadas
(1989, p. 63)

A cidade de São Paulo também comparece em sua poesia como marco de momento especial em sua vida, intitulado “Da maioridade” o poema faz intertexto com poeta que aprecia:

Foi de susto e de medo que forjei a tua imagem
cidade grande e pequena
indesejada e querida
que peregrinei qual aventureiro
à procura do saber, querer
e esquece passadas noites.
[...]

³ Texto publicado no livro *Criação crioula nu elefante Branco*. São Paulo, s/n., 1987, p. 101-105

⁴ Comissão nacional do I Encontro de Poetas e Ficcionalista Negros Brasileiros.(org.) *Criação crioula, Nu elefante branco*. São Paulo:1987.

Cidade de ruas dos meus descaminhos:
na Carolina Florence te encontrei
do Barão de Itapura escapei
mas foi na Sales de Oliveira que amei.
(1989, p. 21 e 22)

Saubara, no recôncavo baiano parece ter sido a cidade mais amada, afirmou várias vezes que tencionava aposentar-se e morar em Saubara, para escrever à sombra das mangueiras ou a beira mar. À cidade dedica três poemas: Estampas de Saubara I e II e as Saubaras invisíveis. Em Todos representa a sua Saubara: com frutas, mar, tranquilidade, areias, barcos... e também com suas moças, velhas, rezas, causos, santos. Em seus poemas Saubara é depositária marcos culturais e personagens da tradição que o poeta insiste em não deixar se perder. No poema publicado em 1989, faz uma oração a São Domingos de Gusmão, apelando utopicamente para que o santo segure o tempo, não o deixe passar no intuito de permitir ao sujeito poético manter intocados os traços característicos da cidade que considera fundamentais:

Nossos filhos que foram prá Bahia se ausentar,
devolvei.
Nossa areia branca da Rua Santa Fé,
devolvei.
Aquela Saubara que a gente tanto amar
(e que nós amaremos sempre)
Devolvei.
(2000, p. 26)

Não sei como Jônatas chegou a Saubara, talvez levado pelos amigos de Santo Amaro, talvez pelos caminhos do destino e do mar... porém no texto “Saubaras invisíveis” escrito na década de 90, o poeta parece não mais acreditar na possibilidade de o santo devolver aquela Saubara, talvez conformado, reutiliza o recurso da intertextualidade, agora com o escritor italiano, ele recria outra Saubara que lhe aponta meios de chegada diversos, são vários os caminhos: “pelo caminho do mar” ou “por via de muitos rios”, “pelo primado da fé” ou enfim, pelos vários caminhos percorridos pelo poeta, professor, intelectual, militante... que também soube inventar cidades com seus trânsitos, suas permanências e mudanças.

Chega-se finalmente, a Saubara pelo primado da fé.
Seus marujos e rezadeira procuram, há muito,
o caminho da salvação.
Seus filhos e netos, há pouco, descobriram outros
Caminhos...
Procuram, pela novidade alheia, desesperadamente,
outra cidade inventar.
Os perseguidores da fé a tudo ver – oram choram
(“São Domingos que é de Gusmão que nos vele”)
As chamadas das velas revelam.
(2000, p. 26)

Tímido, calado, um homem de poucas palavras, como já o disse alguém, a poesia foi o meio encontrado para falar/escrever de si, seus desejos e emoções. No poema “Ginásio”, evoca a adolescência com seus medos e mitos no Colégio público e a descoberta de que a poesia seria a saída para escapar da timidez, extravasar sensações e comunicar-se com os outros:

No mar azul das saís plissadas
Meu olhar quase infantil apenas via pernas brancas;
No ICEIA não descobri o amor
O pecado reinava em mim.
Fiz o que a minha pequenez permitiu:
Descobri o vasto mundo das palavras
Afoguei-me nas eternas emoções do brincar
E para sempre aprendi que as palavras
Carregam ilusão
(2000, p. 27)

Memória e poesia se misturam, memória coletiva e individual, num desejo de atribuir sentido a fatos, sentimentos, imprecisões da vida. Se, como afirmam alguns, a poesia, como filha de *mnemosyne*, é arte da memória, os versos de Jônatas Conceição ratificam a proposição; por um lado, reiteradamente empenham-se na memória da história dos afro brasileiros, enfatizando os quilombos, fosse o de Palmares, “O Rio das Rãs” ou os palmares contemporâneos dos bairros periféricos nos quais “novos palmares” também crescem / arejando cabeças trançadas / trazendo novas verdades” como afirma no poema Nordeste⁵ existem Palmares”:

No Nordeste, palmeiras resistem.
Brotam de concretos, casebre, barracos.
A Natureza mostra força e poesia.
À noite, leves brisas amenizam passadas febres.
(2000, p. 25)

As memórias das populações negras na diáspora aparecem no poemas constantemente releboradas no cotidiano de bairros de maioria negra de Salvador tais como os já citados bairros da Liberdade e Nordeste de Amaralina. Jônatas publica dois livros de poemas intitulados *Miragem de Engenho* (1984) e *Outras miragens & Miragens de Engenho* (1989). A palavra miragem presente nos dois títulos pode levar o leitor desprevenido a pensar que ali está expostas enganosas representações de memória. Porém se trabalharmos com a idéia de que memória e esquecimento formam um par inseparável, os poemas poderão ser lidos como evocações de experiências tidas como significativas para a constituição do sujeito poético.

⁵ Nordeste que podemos ler como região do Brasil ou, mais localmente seguindo sugestão do texto como Nordeste de Amaralina – populoso bairro de Salvador habitado por comunidades populares.

Aquelas emoções e sentimentos que a memória destacou para registrar poeticamente: são histórias pessoais de menino pobre e negro, na escola, no bairro do Engenho Velho de Brotas, e vivências tais como o primeiro sapato, o primeiro trabalho, a máquina de escrever, a infância que são evocados em poemas curtos e vão nos fornecendo flashes que verso a verso vão juntando fragmentos, lembranças úteis para a constituição de poesia de vida marcada por experiências felizes e dolorosas, algumas esquecidas, outras sempre lembradas, e que impulsionam a escrita poética:

A cruz da família
coube ao menor
dos teu
mas em compensação
é o teu único cantor:
tenta escrever linhas
sem sangue dor conformismo
(1989, p. 23)

A memória pessoal vai sendo cuidadosamente apresentada em retalhos nos textos dos dois livros, constituindo um mosaico artístico biográfico que, a pensar com Oliveira Silveira, é “uma das formas de não morrer inteiramente. Jeito de ir ficando por aí entre os vivos neste mundo único”. Um viver em que as tradições cristãs e de matrizes africanas se entrelaçam. As festas de Santo Antônio e São João no bairro do Engenho Velho, onde o poeta sempre viveu, os ensaios do Ilê, no bairro da Liberdade, a festa de Iemanjá, o amor, as dores estão sutilmente, às vezes nem tanto, presentes no conjunto de seus poemas e compõem uma antologia de sua memória poética ou uma poética da memória introspectiva, alegre, de uma alegria sempre contida, às vezes triste, também com a contenção de uma sensibilidade aguda, fina e imensa ou, melhor, deixando que ele mesmo descreva: “Este existir contido;/ que me faz preservar/o mel produzido/ no medo das incertezas cotidianas” Com as palavras compõe a vida como afirma no poema “Tipos de vida” em que brinca com os sentido da palavra tipo:

Na penumbra da casa
ensimesmado
aprendi com tipos variados a compor a vida.
Aquele alfabeto foi amargo e difícil
mas seu aprendizado ensinou-me o amor e o ódio
o pão e o patrão.
Tudo tipograficamente...
(1989, p. 26)

Não escreveu somente de si, ou ódios e amores, apaixonado pela educação de jovens, dedicou-se a escrever textos dos *Cadernos de educação pedagógica* do Ilê Ayiê, nos quais, antes mesmo da promulgação da Lei

10639/03 relatava para os jovens estudantes de escolas do bairro da Liberdade os fatos históricos, aspectos da cultura de países africanos, dados biográficos de pessoas negras que se destacaram nos vários campos da cultura e da história do Brasil, atuou como coordenador dos Cadernos de 1995 até 2007; produziu também programas radiofônicos informativos e musicais sempre com a meta de contribuir para construção de memórias afro-brasileiras na literatura, na música, na pesquisa. Em janeiro de 2009, com o falecimento do poeta Oliveira Silveira, escreve um belo texto sobre o poeta gaúcho em que pede:

Não chorem por Oliveira. Os escritores não morrem. Os poetas são para serem lidos, relidos e divulgados *à mão cheia*. Principalmente um escritor que nos deu Palmares de volta. É recomendação: leiam os seus textos em salas de aulas, os reproduzam para a garotada, de todas as matizes étnicas. A memória literária/histórica, assim, sempre estará sendo alimentada. (2009, p. 35)

De fato, os poetas não morrem... tanto que três meses depois de pedir que não chorássemos pelo poeta gaúcho, ele que “tenta escrever linhas / sem sangue dor conformismo” virou ancestral e decerto continua calmamente brincando com as palavras, com as histórias:

As primeiras palavras
que não sejam eternas
mas que fiquem sempre
na lembrança para recordar
tempo branco sem outrora.
(1989, p. 68)

Referências

- CONCEIÇÃO Jônatas. *Miragens de engenho* (poemas) Salvador: IRDEB, 1984.
- CONCEIÇÃO, Jônatas. A traição da tradição oral. In: I Encontro de Poetas e Ficcionalista Negros Brasileiros (org.). *Criação crioula, nu elefante branco*. São Paulo: [s.n.], 1987. p. 101-105.
- CONCEIÇÃO, Jônatas. *Outras miragens & miragem de engenho*. São Paulo: Confraria do Livro, 1989.
- CONCEIÇÃO, Jônatas; BARBOSA, Lindinalva (orgs.). *Quilombo de palavras: a literatura dos afrodescendentes*. 2. ed. ampl. Salvador: CEAO/UFBA, 2000.
- CONCEIÇÃO, Jônatas. *Vozes quilombolas: uma poética brasileira*, Salvador: EDUFBA, Ile Aiyê, 2004.
- CONCEIÇÃO, Jônatas et al. *Cadernos de Educação do Ilê*, 1995 a 2007.
- CONCEIÇÃO Jônatas. In: *IROHIN*, Brasília, a. XIII, n. 24, p. 35.
- RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio. *Cadernos Negros* São Paulo: Quilombhoje, 2006. v. 29.

Recebido: 20 de agosto de 2011
Aprovado: 13 de setembro de 2011
Contato: florenss@ufba.br